

Marcelino dos Santos morreu mas há revolução por refazer

São sete dias de luto nacional e dois para o adeus, esta terça e quarta-feira. O lugar que lhe é reservado na Praça dos Heróis Moçambicanos diz muito sobre a sua dedicação ao país. Integrante da primeira hora da luta de libertação, viveu para ver o país independente, mas também a afastar-se do sonho que animava a revolução. Este é o retrato de Marcelino dos Santos, um herói, mas longe de ser consensual.

Elton Pila

Marcelino dos Santos disse um dia: “enquanto houver revolução por refazer, não há tempo para morrer”. Ele morreu e ainda há muita revolução por refazer. Ele, que era socialista convicto, certamente olhava com muito maus olhos este Moçambique em que nos tornámos, inquinado pela corrupção, individualismo, em que o enriquecimento, muitas vezes ilícito, tornou-se o leitmotiv de um grupo a subjugar milhares e a deixar toda uma nação de rastos (vide o caso das dívidas ocultas e todos os escân-

dulos de corrupção que têm vindo à tona).

Nos últimos anos, era já visível a decepção de Marcelino dos Santos em relação ao rumo que o país estava e está a levar, influenciado, sobremaneira, pelo rumo da Frelimo. Numa entrevista à Televisão de Moçambique, em 2012, condenou com veemência o abandono da construção do socialismo de orientação marxista em troca da economia do mercado. “A mudança de um sistema para o outro, isto é, do socialismo discutido e aprovado em Congresso para o capitalismo não foi debatido dentro da Frelimo, como mandam as regras do partido”. E nem mesmo poupou os rostos deste afastamento. “Isso começou com Chissano e continuou com Guebuza”.

Continuava a defender o socialismo de orientação marxista-leninista adoptado pela Frelimo, no III Congresso, em 1977, como solução para a pobreza que assola a maior parte dos moçambicanos.

Marcelino dos Santos morreu a poucos meses de completar 91 anos. Uma morte que pegou a todos de surpresa, ainda que o mistério em volta do seu estado de saúde no aniversário de 90 anos, no ano passado, desse para antes que alguma coisa não estivesse bem. Mas talvez não fosse pensado que ele fosse partir tão cedo. Até porque ele é filho de uma mãe que viveu para lá dos 100 anos. Marcelino dos Santos morreu, por estas alturas, vozes ir-

rompem a lembrar do herói que era, do emboeiro da nação moçambicana, sobrevivente dos que souharam com a liberdade, integrante da Frelimo desde a primeira hora, talvez por isso muitas vezes disse ser ele próprio a Frelimo.

A história oficial faz-lhe justiça, a testemunhar por um homem que desde muito cedo abraçou a causa do nacionalismo moçambicano e da luta contra o colonialismo e o fascismo. Ido a Portugal para estudar, acabou perseguido, por actividades subversivas, pela PIDE e teve de chegar à França, onde desenvolveu camaradagem com dirigentes de partidos das antigas colónias francesas de África que levaram os seus países à independência.

Ele, companheiro de Mário Pinto de Andrade, Amílcar Cabral e Aquino de Bragança, acabou tendo um papel importante na criação da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas, de que foi Secretário-Geral. Estava então o caminho aberto para que tivesse lugar de destaque na UDENAMO, que com a MANU e UNAMI viria a formar a FRELIMO. Reza a história dos camaradas, sempre passível de ser questionada, que Marcelino dos Santos coadjuvou Eduardo Mondlane na construção e manutenção da unidade nacional.

É recordado por Helder Martins, companheiro de trincheira e do Governo no pós-independência, como

um indivíduo de uma afabilidade extraordinária. “Era capaz de se relacionar com toda a gente, desde os intelectuais ao povo, passando pelos estrangeiros que se relacionavam com a Frelimo e, depois da independência, com o seu ministério, que também era responsável pela cooperação internacional, aos empresários e quadros que vinham tratar de relações económicas”, escreveu Martins aquando da celebração do nonagésimo aniversário de Dos Santos.

Mas a morte não ilibava ninguém dos pecados. Nem mesmo a Marcelino dos Santos, que também é lembrado pelas lutas internas sangrentas na Frelimo, pela mão dura como governador de Sofala, como o indivíduo que conspirou para o afastamento de Adelino Gwambe da liderança da Frelimo e, depois, também de Uria Simango, também pela morte de Lázaro Nkavandame, Gwejere, Joana Simeão. E tudo isto sem nunca sequer se mostrar arrependido. Numa entrevista em 2005, ao “Nô singular”, reproduzida no site Macua, disse que não estão arrependidos da acção realizada, “porque agimos utilizando a violência revolucionária contra os traidores e contra traidores do povo moçambicano”.

Era bom que tivéssemos um livro de memórias dele, igual ao que tivemos de outros camaradas de trincheira, que tiveram um papel menor na formação da Frelimo e na

luta de libertação, ou um espaço menos significativo na construção do novo Estado, enfim, que tiveram um percurso menos controverso. Talvez haja um livro pronto a publicar, que esteja ainda guardado dentro da gaveta, só autorizado a ser publicado depois da morte do autor.

Resta-nos a poesia, a poesia de combate, género de que Marcelino dos Santos, sob o pseudónimo Liliho Micaia e Kalungano, foi um dos nomes maiores. “Canto do Amor Natural”, de 1987, chancelado pela Associação dos Escritores Moçambicanos, é este monumento que nos mostra um poeta não diferente do político.

Neste livro, mas também noutros poemas dispersos, percebemos a poesia que lhe alimentava a vida e a vida que lhe alimentava a poesia. Ao ler poemas como “A terra treme”, “Onde estou”, “Xangana, filho pobre...” percebemos de que matéria foi moldada a sua luta. “Eu vivo/ perdido nas ruas/ de uma civilização/ que me esmaga/com ódio/ sem pena”, escrito muito antes da luta eclodir. Ou depois de lermos “é preciso plantar/nas estrelas/ e sobre o mar/ nos teus pés nus/ e pelos caminhos/ é preciso plantar/ nas esperanças proibidas/ e sobre as nossas mãos abertas/na noite presente/ e no futuro a criar”. Marcelino dos Santos morreu quando ainda é preciso plantar e muita revolução por fazer.